

Na sessão de homenagem a Bartolomeu Costa Cabral, arquitecto, prestada pela Ordem dos Arquitectos, no dia da Arquitectura

Começo com uma declaração de interesses (como agora se diz no jornalismo ou comentário político): eu sou amigo do homenageado.

Embora tenha sido na profissão que nos encontrámos, cedo nos tornamos amigos para além dela. Assim, ao falar sobre ele é como que falar um pouco de mim também.

Conhecemo-nos – ele na qualidade de estudante e eu arquitecto de fresca data – no atelier que nós, o Nuno Teotónio Pereira, o Manuel Alzina de Menezes e eu, tínhamos fundado num último andar da Rua Rodrigo da Fonseca – o nosso primeiro atelier. Levado pela mão não sei de quem para fazer não sei o quê – talvez para trabalhar no projecto desta casa em que nos encontramos agora e que o Nuno Teotónio Pereira estava a fazer: a sua primeira encomenda, creio.

Foi então que o Bartolomeu da Costa Cabral começou a frequentar o nosso atelier.

E como nós tínhamos trabalho em separado, o que acontecia é que sempre que podia o Bartolomeu metia o nariz naquilo que cada um de nós estava a fazer. Mas não era uma qualquer carpintaria do projecto aquilo que a ele interessava. A sua curiosidade ia toda para querer saber porque é que eu fazia as coisas assim e não de outra maneira; com o é que eu pensava arquitectura; qual a matéria pensante da arquitectura.

Questões estas às quais eu ainda não estava em condições de responder.

Todavia eu lá ia virando as ideias, os argumentos e os conceitos para lá e para cá tantas vezes que, creio, o Bartolomeu acabava por perceber aquilo que eu queria dizer e que não se deixava expressar.

Naquele tempo muitas horas se gastavam a conversar; dentro e fora do atelier, na rua, ao relento da noite muitas vezes. Éramos perdulários com o tempo. Embora nessa altura com uma razoável diferença de idades – hoje não – nós tínhamos todo o tempo à nossa frente, e tudo nos estava prometido. O tempo ainda não era mercadoria.

Conversas entre ele, eu e o Manuel Alzina de Menezes ; (com o Nuno Teotónio Pereira, pouco; este era então um homem de poucas palavras. Modo de ser esse que depois lhe passou para dar lugar ao tribuno que hoje lhe reconhecemos: um homem de causas).

Ora bem, foi neste constante confronto de ideias acerca de tudo – política, liberdade, arte, as coisas simples e complicadas da vida – que a nossa amizade cresceu. E cresceu tanto mais quanto mais vezes e mais forte eram as nossas discordâncias.

Repare-se que digo discordâncias, e não desavenças.

De facto muitas discordâncias nos uniram.

O contraditório tem por vezes este efeito surpreendente. Sob a condição necessária de se possuir um espírito tolerante e respeito mútuo. E foi isso que aconteceu entre nós. Sendo ele então chegado à direita e eu à esquerda, isso não obstou a que com o tempo tenhamos construído uma amizade de eleição: um verdadeiro exemplo da negação da negação hegeliana/marxiana.

Nunca ninguém sabe o que vale para outra pessoa, por muito chegados que sejam. Há porém acontecimentos que nos dão indícios claros desse valor. Refiro-me a momentos atribulados das nossas vidas, em que sendo um de nós batido pela adversidade, o outro estava lá.

Agora, se eu posso, mesmo assim, dizer alguma coisa sobre o Bartolomeu Costa Cabral, arquitecto, direi que o que para mim o caracteriza é o seu instinto matemático da arquitectura. O estético, o artístico, o técnico vem por acréscimo. Mas a verdade é que misteriosamente ele chega ao poético, como é facilmente reconhecível nas obras que ele nos deixa conhecer.

Não me perguntem porquê “o instinto matemático”.

Levaria muito tempo a responder, se é que conseguiria lá chegar.

Uma coisa porém posso eu adiantar, e que é o facto de no seu trabalho o acaso não existe – ou parece não existir. Só a lógica matemática e geométrica conta para ele. E por isso a sua obra não tem resíduos, como diria Eric Satie. (Enquanto que eu estou constantemente a tropeçar no acaso, no imprevisível. Não iludo a sua existência. Até já aprendi a lidar com ele).

Mas apesar do seu fundamento de natureza racional, dedutivo a arquitectura do Bartolomeu não é uma arquitectura autoritária. O terreno onde assenta o seu pensamento arquitectónico é no mundo da vida, nas pessoas tal como lhe é dado conhece-las: originalmente boas, sensíveis, persuasíveis porque também dotadas de razão.

Toda a arquitectura tem um princípio autoritário, seja porque encarna a autoridade nominal de uma instituição que desafia o tempo e o modo – a casa, a escola, o palácio de Justiça, o hospital, etc.; seja pela sua própria estrutura orgânica.

Todavia nas suas obras o Bartolomeu encontra sempre maneira de dotá-las daquele quantum de liberdade aberta ao seu uso criativo. Estou a lembrar-me do edifício da Universidade da Covilhã cujas salas de aula se abrem francamente, isto é, sem portas para o corredor; estabelecendo com este um contínuum de espaço extremamente esperançoso de que aí muita coisa poderia acontecer. (Inclusive a liberdade de as fechar como julgo que aconteceu).

Ele não inventa criaturas para habitar as suas criações. Não as submete à tirania de uma doutrina, de uma teoria, de uma causa. E se a arte acontece na sua obra ela vale como experiência e não como ideia.

Por isso a sua obra não cabe dentro da taxonomia corrente na crítica e na historiografia oficiais. Nem tão pouco pretende dar significado histórico à sua obra – no que tem toda a razão, visto que na história perdemos a nossa existência real; precária, imperfeita ... tudo isso, mas única e irrepetível.

Dentro do horizonte que a minha vista/conhecimento pode alcançar, deste seu manifesto anti--historicismo ou a-historicismo encontro eu um paralelo em Frank Lloyd Wright que recusava toda e qualquer justificação histórica da sua obra. Ambos são em certa medida bárbaros, subversivos da ordem burguesa capitalista, mercantilista tida por natural e universal, que tudo regula, tudo controla; e em que a arquitectura hoje se compraz em servir com proezas estéticas e tecnológicas que assombram o mundo. O “espírito do tempo”. Assim parece pelo menos. Outra coisa com que o Bartolomeu não se dá bem é com a contingência, isto é, com o carácter contingente de toda a obra arquitectónica. Porventura na convicção de que o contingente apenas esconde a nossa ignorância da realidade. E nisso ele é bem um racionalista.

Não um racionalismo cartesiano, mas um racionalismo espinoziano para quem o contingente é aquilo que, ou existe mas poderia não existir, ou não existe mas poderia existir. Se uma coisa existe é porque é necessária e não pode deixar de existir; se não existe é porque não pode existir. Segundo Espinoza o contingente situa-se precisamente entre o necessário e o impossível.

Mas será que no acto de conceber uma obra nós, os arquitectos, conhecemos toda a complexa realidade em que a obra acontece? E no entanto essa realidade existe. Todavia ninguém pode pretender ao conhecimento absoluto de todos os aspectos da realidade do presente em que trabalha, e não noutra. Por isso a arquitectura é um facto contingente. Está por isso e a cada passo dependente das escolhas que fazemos para suprir a indeterminação desse presente real,

cuja complexidade escapa à nossa razão. A razão tem os seus limites razoáveis de aplicação sempre que se trata dos assuntos humanos.

Todo o arquitecto se dá conta de que o processo de projecto é uma sucessão de escolhas. E se duvidas há de que a arquitectura seja uma arte, este simples facto dissipá-las-á, visto que “a arte é o paradigma da liberdade de escolha” (J.C.Argan).

E daí que para um mesmo problema não exista uma solução arquitectónica única, mas uma diversidade infinita de resposta.

Como procederá o Bartolomeu nestas condições de aparente contradição ? Não sei.

Atrevo-me a dizer que inteligente e astuto como ele é, ao defrontar-se com um problema que não está em condições de resolver por falta de conhecimento racional da realidade, ele muda-se para um quadrante que faça desaparecer o problemático.

(Enquanto que eu obtusamente não descanso enquanto não resolvo o problema).

Esta é mais uma diferença.

Mas não haverá pontos de concordância entre nós no que à arquitectura diz respeito? Há com certeza. E muitos são.

E um deles é que embora possamos seguir vias diferentes, ambos pretendemos alcançar no que fazemos aquele predicado que para ele, Bartolomeu Costa Cabral dá pelo nome de beleza, e que para mim é força de carácter.

Manuel Tainha

Junho de 2011